

1.4.2 A PAISAGEM DIFUSA: SUA FORMAÇÃO, CARACTERÍSTICAS E DIFICULDADES DE APREENSÃO

A Região Metropolitana do Vale do Aço pode ser percebida visualmente como um espaço aparentemente unificado resultante da proximidade física entre as cidades que o compõem e também pela forte identidade industrial já consolidada. Entretanto, a partir de um olhar mais demorado é possível reconhecer uma série situações urbanas que indicam os contrastes existentes entre a escala dos equipamentos industriais e o meio ambiente local, que terminam por gerar um local de forte heterogeneidade de usos, ocupações e cenários diferentes.

Num primeiro momento, percebemos a especificidade geográfica que caracteriza toda a região: a presença dos rios Piracicaba e rio Doce, eixos naturais de ocupação da região em conjunto com eixos viários da BR-381 e ferroviários da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM); além das fortes encostas, regiões de fundo de vale, reservas naturais de mata atlântica e zonas de monocultura de eucalipto. Estas últimas, uma forma de ‘natureza artificializada’, já anunciam a interferência sobre este cenário geográfico dos espaços e equipamentos infraestruturais tais como as usinas, as pontes rolantes, chaminés, galpões, viadutos, ferrovias e o eixo rodoviário que perpassa por toda a região. Além disso, a proximidade entre as cidades e a sua constituição conjunta que data desde o início da construção da BR381 como eixo articulador resulta um tecido urbano único, tornando difícil se reconhecer os limites entre um município e outro.

Entretanto, o que se apresenta visualmente como um espaço urbano contínuo é na verdade uma sobreposição de escalas diferentemente implantadas no território, com estratégias, ocupações e temporalidades extremamente específicas. O tecido urbano do Vale do Aço ocupa principalmente as regiões de fundo de vale e as áreas limítrofes ao eixo rodoviário, este constituindo um dos vetores de crescimento da região em direção a Belo Oriente e Santana do Paraíso. Apesar de grande parte da ocupação se dar de forma linear, a configuração dos espaços ao longo deste trecho não possui uma continuidade no que diz respeito às formas de ocupação. Pelo contrário, apresenta-se cheio de interrupções e entre-lugares que não se relacionam diretamente com as dinâmicas industriais, e apresentam intensas diferenças do comportamento. Ou seja, existem

muitas áreas contíguas mas sem correspondência nenhuma em função de se tratarem de duas escalas, industrial e local, coabitando o mesmo lugar.

Na região que compreende o intervalo entre uma usina e outra encontramos um tecido urbano com uma série de ocupações em encostas, seqüências de oficinas que prestam serviços automotivos às margens da BR, por onde dividem o espaço carretas e bicicletas, num cenário árido e quente. Trata-se de Coronel Fabriciano, um entre-lugar que não participa diretamente das atividades industriais características da região, mas sobrevive entre uma usina e outra numa condição de abandono. O caráter de entre-lugar é ampliado devido ao fato de Coronel fabriciano “incorporar principalmente os segmentos da população migrante não diretamente empregada [...] de baixa renda e sem vínculo com as empresas” (COSTA)⁹⁶. Até os anos setenta, de acordo com Costa, Coronel Fabriciano ainda se consolidava enquanto pólo terciário da região, atraindo a população das duas cidades industriais vizinhas, Ipatinga e Timóteo. Atualmente, com o crescimento de Ipatinga, Coronel Fabriciano vem perdendo esta condição de pólo atrator da região, tornando-se ainda mais um entre-lugar, deslocado das principais funções da região, configurando-se como apenas uma zona de circulação entre Timóteo e Ipatinga.

Este cenário marginal turvo e sinuoso com o qual nos deparamos em Coronel Fabriciano se transforma num percurso bem sinalizado e arborizado assim que se cruza o limite municipal de Ipatinga, sede da Usiminas, reforçando esta descontinuidade da paisagem. Às seqüências de pequenos galpões metálicos para manutenção de veículos pesados marginais ao eixo rodoviário se sucedem extensas áreas verdes, vias bem cuidadas e controladas por radares eletrônicos, clubes e apart hotéis. Poucos metros a frente se encontra a usina siderúrgica, com galpões bem maiores e bem executados, várias portarias de acesso restrito, viadutos para transposição dos funcionários, e que possui ao seu lado, o shopping center e o Parque Estadual do Rio Doce, maior remanescente contínuo de mata atlântica em Minas Gerais. Estes espaços incompatíveis ocupam porções bastante próximas do território, constituindo uma paisagem bastante heterogênea, formada por cenários sem nenhuma relação aparente.

Se por um lado encontramos algumas críticas que atestam uma homogeneização dos espaços físicos, principalmente na Europa, por outro lado vemos, na situação brasileira, o conceito

⁹⁶ COSTA. *Vale do Aço*, 1995, p. 91-92.

heterogeneidade surge como o paradigma espacial e temporal principalmente em localidades inseridas em grandes redes comerciais e produtivas como é o caso da região metropolitana do Vale do Aço. Ou seja, tomando como referência as considerações de Virilio, nestas redes a unidade de espaço nem sempre corresponde à unidade de tempo⁹⁷, provocando uma independência de questões que envolvem a proximidade física e localizações precisas. Essa heterogeneidade do espaço urbano é fruto de diferentes escalas de tempo e relação presentes no Vale do Aço. O alisamento temporal da dinâmica industrial exportadora faz com que as plantas industriais funcionem ininterruptamente, sem diferenciação de dia da semana, horário, clima, em função da maximização e otimização em todas as etapas produtivas para suprir o mercado internacional. Essa temporalidade acelerada se superpõe às práticas do cotidiano da cidade, muitas vezes ritmando as atividades como o fluxo de ciclistas que se dirigem às fábricas todos os dias, nos mesmos horários e trajetos. Essa superposição de tempo e de ações é fruto de duas escalas diferentes, definidas por Santos⁹⁸ como ordens, como vemos a seguir:

A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contigüidade.⁹⁹

Dentro dos espaços industriais prevalece o tempo corrido, homogêneo, incessante, característico de uma ordem global. Fora deles desenvolvem-se práticas minúsculas, de enraizamento, do comércio local, muitas vezes informal, condicionados por uma ordem local e regidos por uma temporalidade bem menos acelerada. Em função da necessidade de um meio ambiente estratégico para as práticas industriais, uma série de equipamentos urbanos são indispensáveis para a manutenção destas atividades e para o desenvolvimento da população direta ou indiretamente envolvida. Portanto os shoppings centers, os aeroportos, os clubes, hotéis e residencial services, são equipamentos urbanos fundamentais nestas regiões industriais. Segundo Koolhaas¹⁰⁰, o processo de homogeneização dos grandes centros a partir da instalação destes equipamentos urbanos exauri a história e generaliza os espaços. Entretanto, ao contrário de

⁹⁷ VIRILIO. *O espaço crítico*, 1999, p. 16.

⁹⁸ SANTOS. *A natureza do espaço*, 2004.

⁹⁹ SANTOS. *A natureza do espaço*, 2004, p. 338-39.

¹⁰⁰ KOOLHAAS. *Generic city*, 1995.

Zurique e Barcelona, citados por Koolhaas, cidades como Ipatinga, no Vale do Aço, não possuía uma história para ser exaurida antes da vinda das grandes empresas, uma vez que ela nem mesmo havia sido construída. Ipatinga seria, na verdade, uma *cidade genérica* ao contrário, uma vez que sua identidade local se constrói ao redor dos shoppings, clubes, centros culturais, ao redor da usina que, por sua vez, se constitui como uma porção de uma cadeia produtiva de ordem global. Apesar desta porção, que se ocupa da produção siderúrgica e de celulose, se encontrar diretamente atrelada à ordem global e se corporificar na região como espaços fechados ao uso e à ocupação da população, eles produzem indiretamente vários entre-lugares nos quais a ordem local vai sendo construída.

Estas duas realidades se mesclam fisicamente e dividem o mesmo espaço urbano, se tocando frequentemente. Relativo à paisagem natural, a região apresenta um híbrido de mata atlântica com a presença de eucaliptais, uma apresentando áreas de mata primária e a outra um grande espaço infraestrutural de uma só espécie, ambas com acesso restrito ou mesmo proibido para a população. O acesso a alguns bairros da região, principalmente aqueles projetados e construídos para funcionário com cargos na diretoria nas empresas, é também restrito ao transporte público, numa tentativa de controle da população. O mesmo controle é estabelecido nos clubes construídos pelas empresas e nos descontos dados nas cooperativas. Desconectados das dinâmicas das grandes empresas, desenvolvem-se vários outros bairros de periferia, onde são comuns as feiras de rua, uma ocupação informal das calçadas, muitas delas em áreas desprivilegiadas em encostas de morros. É evidente que a amplitude da atividade siderúrgica e de produção de celulose tem um poder de interferência muitas vezes maior no que diz respeito à organização do território.

Devido às suas grandes proporções, o espaço industrial ajuda a construir uma identidade local quase rotulada que perpassa pelos aspectos da vida cotidiana mesmo daqueles com os quais ela não se relaciona diretamente. No tecido urbano descontínuo e superposto que caracteriza a região, podemos perceber grandes discrepâncias ambientais ao se deixar um município e chegar ao outro. Se por um lado aqueles municípios onde residem as grandes empresas se apresentam enquanto referências no tratamento de seus resíduos, o outro que se localiza numa zona intemediária e sem qualquer interferência industrial direta possui um quadro diametralmente oposto. Localizada

entre as cidades de Ipatinga e Timóteo, ela não foi palco dos investimentos industriais ocorridos a partir dos anos cinquenta, o que provocou uma estagnação de seu desenvolvimento urbano comparado com as cidades imediatamente vizinhas¹⁰¹. Nas cidades de Ipatinga e Timóteo, os investimentos vão além da construção da infraestrutura industrial e atingem também aspectos de infraestrutura básica nas cidades como no faz lembrar Piquet¹⁰²:

Nestas cidades-empresas muito da infraestrutura básica é arcada pelas empresas privadas como escolas, clubes, shopping centers, teatros, hospitais, supermercados que na verdade gera uma dependência mútua entre empresa e território.

Um entre-lugar como Coronel Fabriciano se coloca numa posição intermediária, entre os grandes fluxos de capital e de investimento, caracterizando-se fisicamente como uma região de passagem, que oferece prestações de serviços para as principais atividades industriais da região, aloja a população de baixa renda, freqüentemente apresentando quadros de ocupação ilegal e problemas de infraestrutura urbana. O entre-lugar se exclui parcialmente das dinâmicas econômicas, populacionais, e dos benefícios por eles trazidos, ele não se insere nestas dinâmicas. Ocupa ao mesmo tempo uma posição de complementaridade e dependência, fornecendo serviços terceirizados e também mão-de-obra.

Virilio (1999)¹⁰³ considera que as interrupções provocam uma esterilização do espaço em função da perda da relação de cumplicidade entre a atividade e o lugar. No entanto, Santos¹⁰⁴ aponta o contrário, que a escala global, as quais estão vinculadas as interrupções aqui apresentadas, reforça as características locais em função da necessidade de competitividade dos mercados econômicos. Fica então delegada ao território físico, uma série de papéis e responsabilidades que irão potencializar determinada atividade a partir de sua predisposição estratégica em incorporá-la. A

¹⁰¹ Segundo publicação recente da Fundação João Pinheiro, as empresas localizadas no Vale do Aço (USIMINAS, ACESITA, CENIBRA) estão entre as sete maiores exportadoras do Estado de Minas Gerais produzindo um valor exportado de cerca de 836,3 milhões de dólares no período de Janeiro a Setembro de 2004. Isso gera uma diferença enorme em termos de arrecadação municipal entre os municípios, que se reflete diretamente na qualidade do meio ambiente urbano das cidades. Para informações mais detalhadas sobre o demonstrativo das exportações e importações do Estado de Minas Gerais e os valores da arrecadação municipal. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br/produtos/cei/InfoComex.pdf>>, <http://cg.ipatinga.mg.gov.br/con_pub_vis.asp>e <<http://www.coronelfabriciano.mg.gov.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2005.

¹⁰² PIQUET. *Cidade-empresa*, 1998, p. 24-30.

¹⁰³ VIRILIO. *O espaço crítico*, 1999.

¹⁰⁴ SANTOS. *Território e Sociedade*, 2000.

Usiminas e as demais empresas que se localizam no Vale do Aço tiram partido de uma série de vantagens regionais que podemos citar: os recursos hídricos fornecidos pela presença de dois rios, a rede ferroviária preexistente da EFVM que estabelece uma conexão direta com a região portuária, a proximidade relativa às zonas de mineração e o fornecimento de energia tanto de pequenas usinas hidroelétricas quanto das monoculturas de eucalipto. Dessa forma, existem razões estratégicas do território físico para a implantação de espaços infraestruturais, que reforçam uma cumplicidade entre empresa e território. Entretanto trata-se de um olhar exclusivamente produtivo, visando ampliar a competitividade econômica. Analisando numa perspectiva urbana, estas indústrias ainda se constituem como interrupções, espaços voltados para uma escala de ordem global, com pouca contribuição para a formação de um entorno imediato apropriável pelas pessoas.

Os constantes desvios de comportamento espacial que se encontram ao se percorrer a região do Vale do Aço nos remetem às heterotopias de Foucault (2002)¹⁰⁵, locais que “tem o poder de justapor em um único local real diferentes espaços e lugares que são incompatíveis um com o outro”¹⁰⁶. Foucault apresenta argumentos que dizem respeito a simultaneidade, dispersão e justaposição como os principais atributos do espaço no qual que vivemos atualmente. Ele compartilha da idéia de que existe uma perda da continuidade linear como paradigma espacial e afirma que a nossa experiência de mundo gira em torno de uma rede de conexões e interseções. É evidente que essa experiência descentralizada de mundo não é compartilhada por todos de forma igualitária, pelo menos na realidade brasileira. No caso da região do Vale do Aço, várias realidades espaciais coabitam o mesmo território. De um lado se encontram estas dinâmicas industriais das quais nos referimos anteriormente, que se articulam através dos sistemas mais avançados de logística, comunicação e troca de informações, e do outro estão as comunidades de bairro que, na maioria dos casos, não se inserem totalmente nesta dinâmica ou não têm acesso completo a ela. Encontramos ainda as atividades que participam parcialmente e informalmente da dinâmica industrial, como os serviços de manutenção que se sucedem ao longo das grandes vias

¹⁰⁵ FOUCAULT. *Of Other Spaces*, 1997.

¹⁰⁶ “The heterotopia has the power of juxtaposing in a single real place different spaces and locations that are incompatible with each other”. Retirado de “Of Other Spaces: Utopias e Heterotopias”. LEACH. *Rethinking architecture*, 1997, p. 354.

de circulação da região, ou mesmo serviços relacionados a construção civil utilizando o aço, incluindo também serviços de hospedagem, alimentação, abastecimento, entre outros.

De certa maneira, a usina, como grande interrupção que ela é, um espaço de atividades fechadas e restritas dentro da região, constitui-se como o ideal de lugar para se trabalhar na perspectiva dos habitantes das cidades. O conceito de heterotopia poderia ser utilizado aqui para nos referirmos à usina uma vez que ela é, assim como o cemitério para Foucault, “um lugar outro com respeito aos espaços culturais comuns, mas mesmo assim é um espaço que se conecta com todos os outros lugares da cidade [...] uma vez que cada indivíduo possui parentes no cemitério”¹⁰⁷ [ou na usina]. Isso provoca alterações não somente nas atividades econômicas direta ou indiretamente relacionadas, mas também num nível simbólico, criando-se a imagem de uma grande entidade irremediavelmente inserida na teia da cidade a qual não se tem acesso e nem controle. Além das plantas industriais, das infraestruturas de logística e dos terrenos de monocultura, vários equipamentos urbanos comunitários, vias de circulação, espaços de lazer e transporte que oferecem condições para o desenvolvimento da força de trabalho regional estão vinculados a estas empresas multinacionais, estimulando ainda mais outros níveis de participação no cotidiano dos habitantes. Nesse sentido, elas se tornam também referências subjetivas, análogas a uma entidade mantenedora da vitalidade e da identidade regional.



FIGURA 5 - Imagens de outdoors e placas encontrados na região do Vale do Aço. Através das placas tenta-se apresentar uma identidade de Timóteo e Ipatinga muito condicionada pela presença das usinas e pela eficiência em infraestrutura urbana. À direita, o aterro sanitário de Coronel Fabriciano, localizado às margens do Rio Piracicaba, inapropriado segundo aspectos meio ambientais. Fabriciano não aloja grandes usinas nem empresas de grande porte.

¹⁰⁷ “Let us take, for example, the curious heterotopia of the cemetery. This is a certainly an ‘other’ place with respect to ordinary cultural spaces, and yet it is connected with all the locations of the city, the society, the village, and so on, since every family has some relatives there”. Retirado de “Of Other Spaces: Utopias e Heterotopias”. LEACH, *Rethinking architecture*, 1997, p. 353.

Na constituição do espaço urbano da região do Vale do Aço, por exemplo, as duas grandes plantas industriais ocupam uma parcela considerável do território restrito apenas às atividades siderúrgicas. Um destes enclaves industriais não somente instaurou uma nova identidade local a partir de sua implantação (“*a capital do inox*”) como também modificou o próprio nome da cidade onde se localiza: a cidade de Timóteo é regionalmente conhecida como a cidade de ACESITA (nome da principal empresa da cidade), referenciada desta forma inclusive pela própria população. Estas alterações refletem uma mudança referencial do espaço urbano que, neste caso, é fruto da instalação do complexo produtivo de grande escala. A construção desta identidade siderúrgica que nomeia a região atraiu não somente outras empresas do ramo, mas também outros investimentos como os relacionados à monocultura de eucalipto para a produção de celulose.

Tendo como referência Acesita, uma região cujas características giram em torno da atividade industrial como o próprio nome nos sugere, encontramos uma superposição de cenários totalmente inapropriados a qualquer tipo de apropriação urbana como por exemplo uma série de infraestruturas industriais tais como: locais de depósito de rejeito, áreas marginais às linhas férreas, grandes estruturas de transposição, que apesar de inseridas em pleno contexto urbano, não fazem parte dele. Além destas, a atividade industrial interrompe a expansão do tecido urbano criando áreas de grande concentração fundiária, como enfatiza Costa (1995)¹⁰⁸:

[...] a intensa concentração de terras nas mãos das siderúrgicas virá a se constituir em característica marcante do crescimento urbano da região, condicionando e limitando as possibilidades de expansão do tecido urbano.

Estes terrenos se tornam espaços difusos, vazios urbanos: estão presentes mas não estão acessíveis na escala da cidade. São hiatos urbanos, extremamente valorizados como espaços produtivos numa escala mundial. Estas grandes extensões de monocultura de eucalipto se mesclam ao tecido urbano fazendo fronteiras com bairros residenciais, shoppings centers, usinas, produzindo um tecido urbano com características bastante distintas e múltiplas identidades numa mesma região. Estas zonas produtivas de monocultura são zonas intransponíveis para o tecido urbano local, se constituindo de grandes porções privadas de terra destinadas a um mercado

¹⁰⁸ COSTA. *Vale do aço*, 1995, p. 67.

internacional com as quais o crescimento da cidade se esbarra com frequência. Além dos limites físicos da região, estabelecidos pelo rio Piracicaba, pelo Parque Estadual do Rio Doce, pela topografia constituída por vales e encostas, a concentração fundiária de terrenos destinados ao reflorestamento de eucalipto interrompe o processo de ocupação não somente nas áreas mais centrais da região como também nas áreas rurais periféricas, redefinindo-as segundo seus interesses específicos¹⁰⁹. Esse fator faz com que os espaços urbanizáveis se tornem mais escassos e conseqüentemente mais encarecidos, desencadeando uma série de problemas como aparecimento de bairros informais e de baixo padrão urbanístico ao redor destas interrupções e nas encostas, sem infraestrutura, em áreas potencialmente inundáveis¹¹⁰. A atividade industrial presente na região do Vale do Aço necessita de grandes extensões do território para depositar os resíduos industriais provenientes da produção siderúrgica e para o manejo das monoculturas de eucalipto. Em função da grande escala da produção destes materiais, são geradas montanhas artificiais de escória e recobrimentos de monocultura que interferem decisivamente na constituição da paisagem da região.



FIGURA 6 – À esquerda e no centro, paisagens artificiais formadas pelo depósito de escória industrial das usinas siderúrgicas e à esquerda formadas pela manipulação do solo em função do plantio de eucalipto da usina de celulose.

¹⁰⁹ Segundo Múcio Tosta Gonçalves, doutor em Ciências: Desenvolvimento e Agricultura (CPDA/UFRJ) o crescimento predatório das monoculturas florestais teve como base um projeto capitalista florestal que tem como base a estrutura latifundiária que suprime a pequena produção pela incapacidade desta em se sustentar economicamente. GONÇALVES. *Mudança social, trabalho e construção do território rural*. Disponível em: <<http://www.grupomontevideo.edu.uy/mesa2/mucio%20tosta.pdf>>.

¹¹⁰ Tânia Moreira Braga, economista, mestre em Ciência Ambiental pela USP e doutoranda em Economia Aplicada na UNICAMP, considera estes locais segregados uma “não-cidade”, caracterizada pelo acúmulo de carências sociais, pela ausência de infra-estrutura urbana e pelo controle social da população por parte da empresa. BRAGA. *Política ambiental, conflito e produção social do espaço sob o signo da mono indústria*. Disponível em: <<http://ideas.repec.org/h/cdp/diaman/200043.html>>. Acesso em: 18 jul 2005.

Apesar de distante da realidade local no nível de sua apropriação, esse tipo de presença adventícia na paisagem se articula fortemente em outras escalas de proximidade, com outros lugares fisicamente distantes mas articulados no tempo. Em função disso, uma análise visual de um espaço físico tomado por diferentes formas de organização temporal, torna-se pouco eficiente uma vez que não apreendemos os graus de correspondência entre os espaços, exatamente porque eles não se dão em função do território apenas.

1.4.3 FLUXOS E MOBILIDADE: AS INFLUÊNCIAS E AS RELAÇÕES

As grandes indústrias do Vale do Aço têm uma relação íntima com o comportamento dos fluxos em função de vários fatores, dentre eles: a) a dinâmica das empresas criam ritmos de deslocamento na cidade que são reflexos dos horários de trabalho; b) o modo flexível como tem se reconfigurado as empresas repercute na mobilidade crescente dos funcionários; c) historicamente, os fluxos demográficos são termômetros dos investimentos sócio-econômicos realizados no país, onde se inclui o complexo siderúrgico do Vale do Aço.

O Vale do Aço incorpora tanto reflexos da produção de base fordista realizada pelas indústrias siderúrgicas Acesita e Usiminas quanto da acumulação flexível relativa às atividades da Cenibra, que sucede historicamente a indústria de processo contínuo¹¹¹, como a Usiminas e a Acesita. A indústria de acumulação flexível se difere da primeira em função de: a) demandar uma tecnologia que utiliza um número menor de trabalhadores, porém mais especializados, além de possuir um alto grau de terceirização dos serviços; b) em função também de diferentes necessidades de espaços diretamente necessários para a produção, mais enxuto e aproveitando a infraestrutura urbana existente; c) finalmente a institucionalização da “mobilidade pendular eliminando a necessidade de manutenção de espaços para a reprodução da força de trabalho”¹¹². Se por um lado a organização do território urbano produzido em paralelo com as empresas de processo contínuo reproduz a hierarquia da empresa-mantenedora, por outro a fragmentação e a descontinuidade urbana é o resultado dos “fluxos pendulares constantes” gerados a partir da instauração da mobilidade dos trabalhadores. O impacto possível na formação das cidades é o

¹¹¹ COSTA. *Indústria, produção do espaço e custos sócio-ambientais*, 2000. p. 103.

¹¹² COSTA. *Indústria, produção do espaço e custos sócio-ambientais*, 2000, p. 107.